

EDUCAÇÃO WALDORF E BRINCADEIRAS NO JARDIM DE INFÂNCIA: UMA EXCELENTE PROPOSTA TEÓRICA

WALDORF EDUCATION AND PLAY IN KINDERGARTEN: AN EXCELLENT THEORETICAL PROPOSAL

Lívia Barbosa Pacheco Souza¹
Lívia Ribeiro Barbosa Pacheco²
Denisia Ribeiro de Oliveira³
Rosângela Freitas Conceição⁴

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise teórica da concepção do jogo nas escolas Waldorf. Especial ênfase é dada ao caso da educação infantil e sua relação com a atividade lúdica. Para cobrir uma análise dessas características, este trabalho parte de uma abordagem esquemática tanto da figura do considerado ideólogo dessa singular alternativa educacional, Rudolf Steiner, quanto dos mais destacados princípios teóricos da pedagogia Waldorf. Para este estudo, toma-se como referência uma perspectiva historiográfica crítica, claramente sintonizada com as correntes contemporâneas no campo da história das ideias. A contribuição fundamental deste trabalho se concentra em detectar seis características que definem o jogo para a educação de natureza antroposófica a partir de uma perspectiva teórica. Estas características do jogo no jardim de infância Waldorf são: a sua capacidade de contribuir para a consolidação de certos marcos evolutivos, a ligação que apresenta com a natureza imitativa da criança, a sua localização em momentos que favorecem a respiração; o uso de objetos feitos com materiais naturais e versáteis; a exclusão de elementos intelectuais de seus objetivos; e, finalmente, sua ligação com o desenvolvimento espiritual das crianças. Tudo isso leva a concluir com a principal novidade que a pedagogia Waldorf traz para o debate em torno do brincar, da infância e da educação, ou seja, a necessidade que esse movimento pedagógico afirma de integrar a educação ao brincar e nunca o contrário.

1072

Palavras-Chave: Jogo. Pedagogia Waldorf. Antroposofia. Rudolf Steiner.

ABSTRACT: This article presents a theoretical analysis of game design in Waldorf schools. Special emphasis is given to the case of early childhood education and its relationship with recreational activities. In order to cover an analysis of these characteristics, this work starts from a schematic approach both of the figure of the considered ideologue of this unique educational alternative, Rudolf Steiner, and of the most outstanding theoretical principles of Waldorf pedagogy. For this study, a critical historiographical perspective is taken as a reference, clearly in tune with contemporary currents in the field of the history of ideas. The fundamental contribution of this work focuses on detecting six characteristics that define the game for education of an anthroposophic nature from a theoretical perspective. These characteristics of the game in the Waldorf kindergarten are: its ability to contribute to the consolidation of certain evolutionary milestones, the connection it presents with the imitative nature of the child, its location in moments that favor breathing; the use of objects made with natural and versatile materials; the exclusion of intellectual elements from its objectives; and, finally, its connection with the spiritual development of children. All this leads to the conclusion with the main novelty that Waldorf pedagogy brings to the debate around playing, childhood and education, that is, the need that this pedagogical movement claims to integrate education with playing and never the opposite.

Keywords: Game. Waldorf Pedagogy. Anthroposophy. Rudolf Steiner.

¹Universidade do Estado da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>

²Universidade Anhanguera. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1772-8391>

³Universidade Anhanguera. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7429-8853>

⁴Universidade Anhanguera. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8946-9670>

I. INTRODUÇÃO

Entrando no século XXI, é difícil conceber uma corrente de pensamento dentro da pedagogia que não desenvolva uma perspectiva teórica mínima do jogo. Além disso, seria um exercício arriscado, pelo menos no mundo ocidental, separar do jogo o período culturalmente associado à infância. Tudo indica que brincadeira, infância e educação são termos condenados a serem compreendidos (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

No entanto, é possível perceber na pedagogia desenvolvida tanto pelas vanguardas progressistas quanto pelas correntes mais conservadoras, uma tendência predominante de integrar o brincar e a infância na educação. A discussão, até agora, concentrou-se em elucidar em que medida o jogo deve ter um papel preponderante no processo educacional correspondente à infância; que tipo de atividades, materiais, horários ou espaços lúdicos são mais adequados para uma determinada idade; ou qual é o papel que cabe ao professor como responsável último pela organização do tempo lúdico dentro de uma creche. Pode-se dizer que a comunidade científica internacional da pedagogia, em grande medida, não se desviou substancialmente do caminho traçado pela geração de autores que lideraram o movimento da Escola Nova no início do século XX (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Conseqüentemente, o que se propõe neste trabalho, ou seja, investigar o pensamento que Rudolf Steiner desenvolveu em relação ao brincar, à infância e à educação, assemelha-se a um bom grau de remar contra a corrente. Basta dizer que Steiner, ao lançar os fundamentos teóricos da pedagogia antroposófica nas primeiras décadas do século XX, pouco considerou relevante dar continuidade à tendência predominante do pensamento educacional da época. Ao contrário, adotou uma postura transgressora e *sui generis* que o levou a repensar não apenas as noções de educação, brincadeira e infância, mas também o ser humano como um todo, incluindo seu passado, presente e futuro (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

É verdade que Steiner e sua proposta pedagógica foram muitas vezes classificadas como excêntricas, sectárias e elitistas, e que na maioria dos casos, o impacto do trabalho realizado nas escolas Waldorf foi marginal. No entanto, à sombra dos sintomas das crises econômica, ambiental, política, cultural e educativa que o Ocidente vive hoje, talvez seja o momento de prestar mais atenção precisamente àquelas propostas que desde o seu aparecimento denunciam muitas das conseqüências que poderia derivar de um modelo de convivência atualmente decadente e ultrapassado.

E é esta a atenção que merecem alternativas pedagógicas como a desenvolvida pela antroposofia, que do ponto de vista acadêmico encontra o seu valor intrínseco não tanto na exploração de novas fórmulas que permitam dotar o jogo de mais recursos e tecnologia, mais física espaços para a infância ou mais pessoal dedicado à educação, mas em uma metodologia que fornece uma nova definição do jogo.

Uma metodologia que recoloca o período da infância e também o relaciona com outras fases evolutivas do ser humano. Um método que, ao invés de buscar compulsivamente como encaixar o jogo no processo educacional, busca o lugar que corresponde à educação dentro da atividade natural do ser humano, que não é outra, segundo Steiner, senão o próprio jogo.

E é aqui que o interesse em um trabalho como apresenta, cuja intenção é propor uma abordagem, sem dúvida limitada por razões de espaço, a Pedagogia Waldorf e a proposta teórica singular do jogo que apresenta no jardim de infância. Este é um texto que retoma em grande parte o pensamento de um autor como Steiner e que, por sua vez, encontra fundamento na teoria e na história da educação. Metodologicamente, inclui a crítica levantada pelos historiadores das ideias (CABRERA ACOSTA, 2005).

Ocorre que essas correntes historiográficas estão longe de apostar em dar continuidade a novos estudos que buscam aproximar o que um pensador realmente quis dizer sobre determinado tema ou a maneira como ideias levantadas há muito tempo podem ajudar a resolver problemas atuais, explorar o pensamento de um autor com a intenção de abrir novas questões sobre uma realidade aparentemente dada (RORTY, 1990). E tal é o objetivo deste artigo, ou seja: abrir novas questões sobre o brincar, a infância e a educação a partir do pensamento de um autor como Steiner que nasceu há mais de 150 anos e que é considerado, no início do século XXI, pai intelectual da pedagogia antroposófica e das escolas Waldorf.

2. METODOLOGIA

Para cobrir uma análise dessas características, este trabalho parte de uma abordagem esquemática tanto da figura do considerado ideólogo dessa singular alternativa educacional, Rudolf Steiner, quanto dos mais destacados princípios teóricos da pedagogia Waldorf. Para este estudo, toma-se como referência uma perspectiva historiográfica crítica, claramente sintonizada com as correntes contemporâneas no campo da história das ideias. A

contribuição fundamental deste trabalho se concentra em detectar seis características que definem o jogo para a educação de natureza antropológica a partir de uma perspectiva teórica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Rudolf Steiner e a origem da pedagogia Waldorf

A pedagogia Waldorf, cuja primeira escola foi inaugurada em setembro de 1919 em Stuttgart (Alemanha), tem origem na antroposofia, movimento de renovação espiritual criado por Rudolf Steiner na Europa na primeira década do século XX. Nascido na cidade croata de Donji Kraljevec em 25 de fevereiro de 1861, Rudolf Steiner completou seus estudos escolares e universitários no campo científico, que complementou desde cedo com uma formação autodidata em filosofia, literatura e história. Estas aulas serviriam de base para o posterior desenvolvimento da sua tarefa profissional que abrangeria um vasto leque de disciplinas como as artes, a agricultura, a medicina, a filosofia, a renovação social, a economia e a educação. Todos eles a partir de sua particular visão esotérica do ser humano e do mundo (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Como o próprio Steiner narra em sua autobiografia, o primeiro momento em que ele percebeu uma certa concepção espiritual da existência humana estava relacionado a uma abordagem da geometria. Ele tinha então nove anos. Estas primeiras experiências espirituais levaram-no a afirmar já no fim da sua vida: “A realidade do mundo espiritual era para mim tão certa como a do mundo sensorial [...]. Ele distinguia coisas e entidades 'visíveis' e outras 'invisíveis’” (STEINER, 1997: 18).

Para Steiner, as percepções que estão fora do alcance dos sentidos, isto é, do mundo supra-sensível, existiam na vida cotidiana, despertando “questões indefinidas sobre o mundo e a vida” (STEINER, 1997: 25). Por isso, à medida que avançava nos percursos escolares durante a adolescência, as diferentes disciplinas ofereciam-lhe estímulos e caminhos para percorrer em busca de respostas. Mas foi só com o ingresso na Escola Técnica Superior que dirigiu os seus passos para um objetivo que estaria na base do seu pensamento, nas palavras do próprio Steiner: “Poder exprimir as minhas vidências diretas do mundo espiritual na forma de pensamentos” (1997:38).

Depois de concluir seus primeiros estudos, a vida profissional de Steiner continuou em novos espaços acadêmicos, como o arquivo GoetheSchiller em Weimar (Alemanha). Juntamente com um grupo de especialistas na obra de Goethe, Steiner colaborou neste local

na publicação de uma compilação de obras conhecidas e também inéditas deste ícone da literatura alemã. Da mesma forma, aos 25 anos, Steiner conseguiu certa sistematização de seu pensamento e publicou seus dois primeiros livros: A teoria epistemológica da concepção goethiana do mundo (1886) e a Filosofia da liberdade (1894). Estas duas obras são atualmente consideradas os pilares básicos de todo o seu pensamento posterior (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Nos últimos anos do século XIX, Steiner realizou seu trabalho como coeditor da revista *Magazin für Literatur*. Um dos artigos que apresentou nesta publicação motivou-o a ser convidado a participar de círculos teosóficos. A partir desse momento, o autor da Filosofia da Liberdade passaria a ministrar ciclos de palestras sobre temas esotéricos, chegando a ser secretário da Seção Alemã da Sociedade Teosófica. Sua participação nela terminou em 1913, quando que Steiner decidiu fundar a Anthro-Posophical Society com 2.500 membros e cuja presença mundial desde então tem crescido (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

A recém-criada Sociedade Antroposófica seria o espaço em que os novos membros continuariam a reunir-se regularmente com o objetivo de aprofundar ainda mais uma concepção espiritual da existência. Dentro dessa nova organização, seriam realizados projetos emblemáticos para a antroposofia, como a construção do primeiro Goetheanum (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

É importante mencionar que na época um dos membros mais proeminentes da Sociedade Antroposófica era Emil Molt, diretor da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria. Um personagem crucial para a história da pedagogia Waldorf. Como diretor da fábrica, Molt criou um programa inovador de aulas para adultos que colmatava a falta de formação que detetava nos trabalhadores da tabaqueira. No entanto, parece que apesar da boa recepção inicial destes programas, muitos trabalhadores sentiram que chegaram atrasados, o que levou o próprio Molt a conceber que a oportunidade de receber formação era mais relevante nas fases iniciais. Foi assim que Molt decidiu propor a Steiner a criação de uma escola, com o objetivo de que ele assumisse o planejamento e sua direção pedagógica (MOLT, 1991: 138).

Steiner aceitou e em agosto de 1919 formou o primeiro corpo de professores. Um mês depois, teve início a primeira experiência de pedagogia Waldorf. Com base no que foi exposto até aqui, é importante destacar que qualquer abordagem do pensamento antroposófico e suas contribuições para a pedagogia deve estar inexoravelmente ligada à biografia intelectual de Steiner. Ora, é na vida de um pensador tão singular como Steiner e

na particular relação de conceitos que estabelece em sua obra, que se encontram as origens desse movimento pedagógico. Um movimento que foi amplamente desenvolvido por aqueles que trabalham na pedagogia Waldorf após a morte de Steiner em 1925 (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a antroposofia é a ciência espiritual fundada por Rudolf Steiner no início do século XX que tem o ser humano como centro e ponto de apoio (LANZ, 2000: 11). Daí, como vê na citação mais famosa e repetida de Steiner “[A Antroposofia] é um caminho de conhecimento que procura conduzir o espiritual do ser humano ao espiritual do universo” (EASTON 1980: 359).

Com tudo, embora o ponto de partida seja a visão material, psíquica e espiritual do homem, a antroposofia é também um caminho de conhecimento para atingir altos estados de consciência a partir do despertar de faculdades e órgãos que dormem em todos os seres humanos (STEINER, 1996 : 15).

Sendo este um aspecto de relevância axial na pedagogia Waldorf.

3.2 Educação antroposófica da natureza e jardim de infância Waldorf

A educação de natureza antroposófica responde a um conjunto de categorias e conceitos de natureza particular que foram desenvolvidos, em grande parte, por Rudolf Steiner. Muitas dessas categorias podem parecer estranhas para quem não teve uma abordagem teórica prévia da antroposofia; no entanto, sua análise é de grande importância para uma abordagem teórica do jogo e sua relação com a educação dentro desse modelo pedagógico. Para sua análise, toma-se como referência alguns dos textos em que o pensamento de Steiner em relação à educação foi mais claramente exposto (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Neste sentido, a conferência “A educação da criança à luz da antroposofia”, proferida por Steiner em 1907, é, sem dúvida, o germe de todo o seu pensamento educacional. Neste texto encontram-se algumas indicações sobre as peculiaridades evolutivas da criança em cada etapa vital, bem como as noções educativas que devem responder ao seu desenvolvimento. Porém, somente em 1919, como consequência da criação da primeira escola Waldorf acima mencionada e pela constatada necessidade de formar professores para aquele projeto, Steiner aprofundou e detalhou a educação de orientação antroposófica (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Segundo Steiner, o verdadeiro fundamento da educação e também do ensino deve assentar no conhecimento das leis que regem o desenvolvimento dos seres humanos (STEINER, 1907: 12). São essas leis de natureza espiritual que estão na base da didática e do currículo da pedagogia Waldorf. Basta dizer que uma das peculiaridades mais marcantes é a que se refere à evolução que vive a alma humana. Assim, segundo Steiner, as qualidades mentais mudam à medida que a criança cresce, cabendo à educação adequar-se ao ritmo imposto por essas qualidades, pois, segundo Steiner, toda pedagogia deve levar em conta que são as forças da alma que afetam o organismo físico (1981b: 18).

Dessa forma, para Steiner, a educação com orientação antroposófica deveria levar em conta que a estrutura da biografia humana era dividida em períodos de sete anos. A fundação desta estrutura tem a sua razão de ser no “tempo utilizado pelos diferentes corpos subtis do ser humano no seu correspondente amadurecimento” (CROTTOGINI, 1997: 31). Como conseqüência, a educação teve que ser organizada em três etapas: de 0 a 7, de 7 a 14 e de 14 a 21. No primeiro período de sete anos, a qualidade mental predominante é o querer ou vontade, no segundo sentimento e no terceiro pensamento (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Os períodos de sete anos são a base conceitual da educação de natureza antroposófica. A partir da análise do primeiro deles, na conferência “A educação da criança do ponto de vista da antroposofia”. Steiner delineia as suas principais características da seguinte forma:

[...] até ao aparecimento dos novos dentes, por volta dos sete anos de idade, o corpo humano tem de realizar sobre si uma tarefa substancialmente diferente das de todos os outros períodos da sua vida: os órgãos físicos têm de se conformar a si próprios. formas: suas condições estruturais devem receber uma certa orientação e tendência (STEINER, 1907: 15).

Assim, segundo a antroposofia, é o corpo etéreo⁴ que cumpre a função de dar forma aos órgãos físicos nos primeiros sete anos. Para isso, as palavras “imitação” e “exemplo” são a chave da pedagogia Waldorf nesta fase. E é que se considera que ao imitar tudo o que acontece ao seu redor, os órgãos físicos da criança vão estruturando suas próprias formas. Tanto que nesse período de sete anos Steiner considerou que “a criança é todo órgão sensorial” (1924: 59). Ou o que é o mesmo, as percepções que a criança recebe de seu ambiente não são integradas sem poder discriminar ainda (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Tudo isso explica aproximadamente a importância atribuída ao conceito de imitação no jardim de infância Waldorf. E é que dentro da pedagogia antroposófica, o meio físico adquire um significado relevante nos primeiros sete anos do aluno, tanto por suas peculiaridades estéticas, quanto pela figura do educador pela influência direta que exerce na

formação física do aluno (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Da mesma forma, o jardim de infância é concebido como um local onde são realizadas diversas atividades que fazem sentido para as crianças. Neste espaço aprendem-se fazendo, pelo que momentos de brincadeira livre se alternam com a realização de trabalhos manuais muito diversos: pintar com aquarela, modelar com cera de abelha ou fazer pintura (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

O segundo período de sete anos começa aos sete anos de idade e é marcado pela erupção da segunda dentição. Esse acontecimento é interpretado pela Antroposofia como o sinal visível do momento em que as forças etéreas encerraram sua função modeladora no corpo, tornando-se a partir de então mais psíquico-espirituais. Sobre esta ideia Steiner escreve:

Agora desvinculadas do corpóreo, [as forças etéreas] agem sobre o sistema respiratório-circulatório, fato que pode ser observado no fenômeno que naquela idade o ritmo da respiração e o pulso da circulação (STEINER, 2004: 144).

Pedagogicamente, essa mudança fisiológica típica do segundo septênio abre a possibilidade de os adultos ensinarem conteúdos que lhes permitam despertar os sentimentos das crianças. É tempo de prosseguir em cada atividade pedagógica um “envolvimento dos sentimentos da criança, procurando uma intensa identificação pessoal com o tema que é abordado” (RAWSON E RICHTER, 2000: 30). A qualidade psíquica do sentimento que predomina nesta etapa faz com que sejam incluídos conteúdos escolares onde abundam imagens e histórias, assim como o próprio conceito de ritmo tão característico da pedagogia Waldorf.

Finalmente, aos quatorze anos, começa o terceiro período de sete anos. Nesta etapa nasce o corpo astral, também chamado de sensitivo ou consciente. Uma caracterização bastante adequada desse terceiro período de sete anos é fornecida por Martyn Rawson e Tobias Richter no livro *The Educational Tasks and Content of the Steiner Waldorf Curriculum*, um texto de referência obrigatório para professores em escolas que seguem o pensamento de Steiner:

Os sentimentos eram a fonte da vida interior da criança, mas a partir de agora [a partir dos terceiros sete anos] adquirem um novo nível de independência. A vida interior de um indivíduo é confrontada com o mundo exterior em um relacionamento que ainda não encontrou sua forma. Entre outros aspectos, essa relação é criada pela capacidade de formar julgamentos. O conteúdo de todas as aulas deve responder a essa necessidade, apelando a essa capacidade e oferecendo um contexto onde o indivíduo possa desenvolver as suas faculdades. Isto significa que a tarefa da educação é proporcionar oportunidades de aprendizagem onde se possa experimentar e tornar conscientes as leis objetivas que são acessíveis ao

pensamento (RAWSON E RICHTER, 2000: 77).

Com foco nos primeiros sete anos, que inclui o jardim de infância segundo Steiner, o lar é o espaço cultural que melhor se adapta ao que as crianças exigem nesse período. Isso explica porque a sala de aula, nessa proposta educacional, é concebida como uma extensão da casa devido à sua estrutura pedagógica e estética. De certa forma, pode-se dizer que nessa pedagogia são valorizados os aspectos tradicionais do cuidado infantil, tendo em vista que espaços como a casa exercem a estimulação saudável necessária nessa idade (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Tomando como referência os princípios pedagógicos expostos por Steiner, nos jardins de infância Waldorf crianças de 3 a 6 anos estão juntas na mesma sala de aula. Esse tipo de organização busca criar um ambiente propício a experiências e trocas. Por um lado, os mais velhos têm de cuidar e respeitar os mais pequenos, que, por sua vez, os imitam e desenvolvem a espera e a paciência para atividades que ainda não conseguem fazer (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Da mesma forma, o jardim é organizado de acordo com atividades que são uma experiência direta para as crianças. Como já apontamos, em termos de pedagogia Waldorf considera-se que os meios ideais de aprendizagem são a imitação e o exemplo. Estas atividades têm um ritmo e sentido antropológicos que também foram expostos por Steiner no ciclo de conferências anteriormente referido: “A missão da educação, concebida espiritualmente, consiste em harmonizar o espírito psíquico com o 'corpo biológico', entre os que a harmonia e consonância devem ser estabelecida” (1981a: 5).

A busca da harmonia entre o espírito da alma e o corpo biológico explica o lugar especial que a função respiratória adquirida pelo ser humano ao nascer ocupa no modelo educativo antropológico e na sua concepção de jogo. Segundo esse modelo, a jornada escolar é organizada de forma a permitir espaço para múltiplas atividades, que são estruturadas tendo como referência um conceito singular de respiração (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Assim, as atividades desenvolvidas em um jardim de infância Waldorf são divididas em duas categorias centrais que articulam a fundamentação teórica dessa pedagogia. Essas categorias são, por um lado, a contração, categoria que engloba atividades que têm um objetivo minimamente definido e limitado no tempo e, por outro, a expansão, princípio teórico que fornece um componente de liberdade que abre e redefine constantemente a própria atividade. Ambas as categorias, em última análise, respondem à já mencionada relevância que o processo respiratório e os momentos de inspiração e expiração,

respectivamente, têm na pedagogia Waldorf. É nessa segunda categoria de expansão que se localiza o tempo e o espaço propícios para o jogo livre.

Qualquer abordagem teórica do brincar dentro da pedagogia Waldorf deve partir da consideração que a antroposofia faz das especificidades do amadurecimento da criança nos primeiros sete anos. Neste sentido, o papel relevante que é atribuído ao jardim de infância assenta, segundo as palavras do próprio Steiner, no facto de “a condição humana da criança nos seus primeiros sete anos ser radicalmente diferente da vida posterior” (STEINER, 1923 : 14). A importância desses primeiros anos reside no facto de que a criança atinge três marcos evolutivos durante esse período: andar, falar e pensar. Marcos inigualáveis em relevância para qualquer outro no desenvolvimento subsequente de cada ser humano.

A primeira dessas conquistas que as crianças fazem nesse período é a ação de caminhar, que é a base para alcançar o equilíbrio espacial necessário em relação ao mundo físico. Como produto dessa ação em que intervém todo o organismo motor, por sua vez, nasce a fala, que é interpretada pela antroposofia como a tradução de movimentos externos em movimentos internos que geram a linguagem. Isso leva a um momento posterior em que a fala transcende a mera nomear as coisas, sendo então quando a criança começa a formar frases e aparecem os primeiros rudimentos do pensamento (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

1081

E é precisamente essa perspectiva teórica da evolução maturacional que dá ao jogo livre uma relevância proeminente. Pois bem, o jogo é um elemento fundamental que favorece tanto a maturação como o desenvolvimento sensório-motor que a criança deve conquistar durante os primeiros sete anos de vida

Para compreender a importância que a pedagogia Waldorf atribui à natureza imitativa da criança em sua concepção teórica do brincar, uma premissa básica do primeiro período de sete anos detectada por Steiner é que “a atividade realizada pelas crianças no jardim de infância deve consistir única e exclusivamente na imagem externa daquilo que os idosos fazem” (JAFFRE, 2004: 17). Desta forma, em um determinado dia em um jardim de infância Waldorf pode-se observar como os professores estão sempre realizando uma atividade na presença das crianças. O objetivo final é imitar as ações que correspondem à figura materna e paterna no lar familiar.

Um facto que determina a fundamentação teórica do jogo que ocorre nos jardins de infância Waldorf é que a pedagogia antroposófica aguarda os segundos sete anos para incluir elementos intelectuais na educação. Essa é uma característica que marca um notável

distanciamento dos modelos pedagógicos que prevalecem atualmente nos sistemas educacionais oficiais, pois as crianças nas escolas Waldorf têm tempo para brincar livremente sem que isso seja determinado pelas pretensões intelectuais do mundo adulto. No entanto, esta situação de distanciamento em relação a certas ambições intelectuais, longe de diluir o papel que corresponde ao jogo na pedagogia antroposófica, acaba por colocá-lo em um lugar de destaque em toda a sua proposta educativa (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Como consequência, o papel que corresponde ao corpo no processo educativo das crianças no jardim de infância encontra diferenças substanciais em relação às abordagens que tradicionalmente têm predominado na pedagogia. Para a antroposofia, como Steiner apontou, se as capacidades intelectuais da criança são forçadas, seu desenvolvimento corporal para (1923: 30).

Neste sentido É interessante notar que Steiner, ao marginalizar a formação intelectual nos primeiros sete anos de vida do ser humano, não apenas fundamentava sua proposta pedagógica original, mas, ao mesmo tempo, apresentava uma importante crítica à abordagem educacional e antropológica que regeu um dos modelos pujantes por excelência da educação infantil no início do século XX: o jardim de infância froebeliano (UCEDA; ZALDÍVAR, 2013).

Para Steiner, observa-se a importância de não introduzir elementos intelectuais nas brincadeiras infantis, em sua expressão máxima, ao verificar que mesmo os mesmos materiais utilizados na atividade lúdica devem ser mantidos afastados de qualquer possível intervenção intelectual adulta que os perverta. Essa intervenção, em última instância, limita uma das principais formas instintivas de aprendizagem do ser humano nessa idade precoce, ou seja, a já mencionada imitação. E isso era algo que o próprio Steiner considerava que o distanciava do que era proposto por educadores como Froebel. Aconteceu que o famoso educador alemão não havia considerado com profundidade as limitações teóricas que mais tarde inspiraram o movimento da Escola Nova, notório pela antroposofia. Situação que Steiner expressou nos seguintes termos:

Os jardins de infância desenvolvidos por Froebel e outros inspirados por um verdadeiro amor pelas crianças não perceberam que a imitação é uma parte muito importante da natureza da criança, que só pode imitar o que não foi imbuído de uma qualidade intelectual. Portanto, não devemos introduzir no jardim de infância formas artesanais que foram habilmente 'pensadas' (STEINER; JAFFRE, 2004: 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo é um elemento central da proposta pedagógica antroposófica, sendo este um aspecto que não pode passar despercebido em qualquer abordagem teórica do modelo educacional que inspira as escolas Waldorf. Assim, para a antroposofia, toda a educação infantil é organizada e estruturada em torno do brincar. Basta dizer que a vida espiritual, epicentro do pensamento desenvolvido por Rudolf Steiner, encontra no jogo um elemento chave incomparável em seu potencial para o desenvolvimento das capacidades inatas do ser humano.

O brincar não é, portanto, mais um elemento do processo educativo em uma creche Waldorf, o que explica a atenção especial que lhe é dada nos primeiros sete anos. Como já foi referido, é nestes anos que a criança deve realizar uma tarefa diferente daquelas que realizará nas restantes vezes ao longo da sua vida. Ora, é um tempo em que os órgãos físicos se conformam a determinadas formas, o que exige uma orientação que suas condições estruturais naturais devem receber.

Daí a importância que a pedagogia de Steiner dá à respiração, pois abre a possibilidade de harmonizar o desenvolvimento da criança em sintonia com a organização do tempo e do espaço próprios de cada dia escolar. Essa perspectiva original do jogo presente na pedagogia Waldorf é, sem dúvida, um desafio para quem busca analisar sua fundamentação a partir da teoria educacional.

Qualquer abordagem do mundo antroposófico requer um estudo do pensamento de um autor como Steiner, cujos princípios filosóficos, em grande medida, deixam muitas portas abertas para a livre interpretação. Essa particularidade dificulta não só a compreensão dos pilares teóricos que sustentam essa alternativa pedagógica, mas também a ampliação de muitas das valiosas propostas que residem nessa conceituação única de educação. E é que a confusão, a falta de unidade interpretativa, a escassez de critérios consensuais ou a deturpação interessada de alguns postulados apresentados por Steiner, em algumas ocasiões, se insinuaram nas salas de aula das escolas Waldorf, o que gerou divisões entre diferentes projetos que em sua época passaram a compartilhar o mesmo ideal pedagógico.

O mundo acadêmico, nesse sentido, não tem contribuído com uma interpretação detalhada das contribuições pedagógicas do antroposofia em relação ao jogo. A maioria dos trabalhos que tentaram abordar o modelo educacional Waldorf a partir do campo de conhecimento da pedagogia foram elaborados por pesquisadores ligados à antroposofia ou

que participam diretamente dessa proposta pedagógica.

Portanto, é necessário ter uma visão crítica que responda aos desafios apresentados pelas mudanças de paradigma que estão ocorrendo no contexto da teoria educacional. Uma visão, enfim, que questiona aspectos fundamentais do pensamento de Steiner, ao mesmo tempo em que resgata o que esta proposta pode contribuir.

Porém, ainda hoje para a pedagogia, a teoria dos jogos e sua relação com a educação e a infância desenvolvida pelo movimento Escola Nova, e principalmente por Froebel, é a principal referência. Fenômeno que se evidencia ao observar a tendência unidirecional predominante de integrar o jogo na educação infantil, sem questionar o fundamento e o significado dessa integração.

Isso limitou o potencial da atividade recreativa, ao mesmo tempo em que marginalizou outras alternativas possíveis que não compartilhavam desse princípio teórico. É o caso da pedagogia Waldorf e sua busca por uma inclusão da educação no jogo e não o contrário. Uma perspectiva teórica da atividade lúdica que supõe uma virada conceitual radical e que não guarda semelhança com outras correntes teóricas da pedagogia contemporânea.

Para a antroposofia, o brincar é parte intrínseca do ser humano, enquanto a educação é um elemento externo sempre a serviço do livre desenvolvimento de cada indivíduo, com especial ênfase nos primeiros sete anos de vida.

REFERÊNCIAS

1. CABRERA ACOSTA, M. A. (2005). A crise da modernidade e a renovação dos estudos históricos. In FERRAR- LORENZO (ed.) (2005), Repensando a história da educação. Novos desafios, novas propostas. Madri: Nova Biblioteca.
2. CROTTOGINI, R. (1997). A terra como escola. A biografia humana: projeção terrena de um evento cósmico. Argentina: Editorial Antroposófica.
3. EASTON, SC (1980). Rudolf Steiner: arauto de uma nova época. Nova York: Anthroposophic Press.
4. JAFFRE, F. (2004). Na brincadeira das crianças. Indicações de Rudolf Steiner para trabalhar com crianças pequenas. Nova York: Waldorf Early Childhood Association of North America.
5. LANZ, R. (2000). Antroposofia. Noções básicas. Buenos Aires: Editorial antroposófico.
6. MOLT, E. (1991). Emil Molt e os primórdios do Movimento Escolar Waldorf. Esboço autobiográfico de xadrez. Edimburgo: Floris Books.

7. RAWSON, M.; RICHTER, T. (2000). *As Tarefas Educacionais e o Conteúdo do Currículo Steiner Waldorf*. Londres: Steiner Waldorf Schools Fellowship.
8. RORTY, R. (1990). A historiografia da filosofia: quatro gêneros, em R. RORTY, JB SCHNEEWIND e Q. SKINNER (ed.), *A filosofia da história. Ensaio sobre a historiografia da filosofia*. Barcelona: Paidós.
9. STEINER, R. (1923). *Andar, hablar y pensar*, in BERLIN, J. (rec.) (2005), *El primer septenio. A educação pré-escolar segundo Rudolf Steiner*. Buenos Aires: Editorial.
10. STEINER, R. (1981a). *O estudo do homem como base para a pedagogia*. Cidade do México: Editorial Waldorf.
11. STEINER, R. (1981b). *A renovação da educação pela ciência do espírito*. Londres: Steiner Waldorf Schools Fellowship.
12. STEINER, R. (1907). *A educação da criança do ponto de vista da antroposofia*, em R. STEINER (1997), *A educação da criança. Metodologia de ensino*. Madri: Editorial Rudolf Steiner, 7-49.
13. STEINER, R. (1924). *Metodologia de ensino e condições vitais da educação. Ciclo de cinco palestras proferidas em Stuttgart. Primeira conferência*, in R.
14. STEINER (1997), *A educação da criança. Metodologia de ensino*. Madri: Editorial Rudolf Steiner, 51-67.
15. STEINER, R. (1996). *Como conhecer os mundos superiores*. Madri: Editorial Rudolf Steiner.
16. STEINER, R. (1997). *O curso da minha vida*. Buenos Aires: Epidauro.
17. STEINER, R. (2004). *O segundo período de sete anos Fundamentos pedagógicos para o desenvolvimento saudável do ser humano*. Buenos Aires: Editorial Antroposófica.
18. UCEDA, P. Q.; ZALDÍVAR, J. I. *A PEDAGOGIA WALDORF E O BRINCADEIRO NO JARDIM DE INFÂNCIA. UMA PROPOSTA TEÓRICA SINGULAR: Educação Waldorf e brincadeiras no jardim de infância. Uma excelente proposta teórica*. Armadilha 65 (1), 2013.